



CORPO E RESISTÊNCIA: MARIA TERESA HORTA E A POÉTICA DO “BASTA!”

Maximiliano Torres¹

RESUMO

O artigo apresenta, com base na compreensão de fascismo, apontada por Michel Foucault, e de literatura como “trapaça salutar”, entendida por Roland Barthes, uma leitura feminista de poemas selecionados da escritora portuguesa contemporânea Maria Teresa Horta, presentes nos livros *Espelho inicial* (1960) e *Mulheres de abril* (1977), levando, a partir das cenas de violência apresentadas, a um questionamento sobre as construções de sujeitos, corpos e hierarquias nas cenas sociais. Com isso, percebe-se que o corpo da escrita de Horta, eivado de lirismo, militância e resistência, monta-se pela escrita de corpos, nos quais o erotismo e o engajamento político estarão sempre articulados, revelando um compromisso com as mulheres, as suas sexualidades, direitos e participação política.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; poesia; violência; feminismo.

ABSTRACT

Based on Michel Foucault’s understanding of fascism and Roland Barthes’ concept of literature as ‘salutary trick’, the article presents a feminist reading of selected contemporary poems written by the Portuguese writer Maria Teresa Horta, found in her books *Espelho inicial* (1960) and *Mulheres de Abril* (1977). The present work highlights questions about the constructions of subjects, bodies and hierarchies in social scenes of violence presented in those books. Thus, it can be seen that the body of Horta’s writing is full of lyricism, militancy and resistance, as well as being constructed by the writing of bodies, in which eroticism and political engagement will always be articulated, revealing a commitment to women, their sexualities, rights and political participation.

KEYWORDS: bodies; Poetry; violence; feminism.

¹ Professor Adjunto de Teoria Literária e de Literatura Brasileira e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN) da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). maxitorres@uol.com.br

O panorama político, econômico e social contemporâneo, época, como nos diz Michel Foucault, “de dispersão e de especialização, em que a ‘esperança’ desapareceu”² (FOUCAULT, 1994, p. 134), nos leva a pensar e agir, visando a única possibilidade de atravessamento: Resistir!

Resistir para ultrapassar a situação nebulosa na qual o mundo, em cataclismo, está inserido. Resistir para o quanto menos, emocional e fisicamente, sermos afetados por essa fase negativa. Resistir para alcançarmos uma saída. Resistir para sobreviver... Talvez esse seja o principal propósito do ato de resistir: a tentativa de sobrevivência.

Nesse sentido, muitos são os caminhos a seguir. Estes vão desde o enfrentamento corporal, passando pelo discursivo e até mesmo para o silencioso que, em muitos casos, aparece como uma forma de insurreição.

Não é novidade a abrangência do fascismo, “o inimigo maior, o adversário estratégico”³ (FOUCAULT, 1994, p. 134), nas práticas políticas que visam a manter as sociedades disciplinadas e assujeitadas ao império dos regimes de verdades, implantados como naturais e absolutos. Essa concepção reacionária e opressora emerge, de tempos em tempos, no palco social, pois o mundo não é um espetáculo democrático com algumas cenas ditatoriais. Ao contrário, o mundo é um espetáculo extremamente ditatorial com ínfimas cenas democráticas. Desse modo, é na passagem de uma cena a outra que a resistência se mostra e atua de várias formas e em vários sentidos.

Foucault, no prefácio do livro de Gilles Deleuze e Félix Guattari, “O Anti-Édipo: introdução a uma vida não fascista”, elenca uma série de “princípios essenciais”⁴ (FOUCAULT, 1994, p. 135) como forma de um manual para a vida cotidiana ou, como ele mesmo intitula, uma “arte de viver contrária a todas as formas de fascismo”⁵ (FOUCAULT, 1994, p. 135). E cabe aqui lembrar sobre “o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”⁶ (FOUCAULT, 1994, p. 134):

- Liberem a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante.
- Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, não por subdivisão e hierarquização piramidal.
- Livrem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade.
- Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária.
- Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de Verdade; nem a ação política para desacreditar um pensamento, como se ele não passasse de pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política.

2 “[...] de dispersion et de spécialisation d'où l'“espoir” a disparu” (FOUCAULT, 1994, p. 134)

3 “l'ennemi majeur, l'adversaire stratégique” (FOUCAULT, 1994, p. 134).

4 “principes essentiels” (FOUCAULT, 1994, p. 135).

5 “art de vivre contraire à toutes les formes de fascisme” (FOUCAULT, 1994, p. 135).

6 “le fascisme qui est en nous tous, qui hante nos esprits et nos conduites quotidiennes, le fascisme qui nous fait aimer le pouvoir, désirer cette chose même qui nous domine et nous exploite.” (FOUCAULT, 1994, p. 134).

- Não exijam da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”.
- Não se apaixonem pelo poder.⁷ (FOUCAULT, 1994, p. 135-136)

Pensador das *estéticas da existência*, Foucault, voltando-se para o universo histórico da Antiguidade Clássica, discute sobre como as práticas políticas atuais são entendidas e colocadas em ação, diferenciando-as das dos gregos, que se orientavam pela autonomia, pela temperança e, sobretudo, pela liberdade. É a partir dessas reflexões que apontará sobre a possível elaboração de modos libertários de vida. Uma das formas que tem dado sentido à sobrevivência é o ato de resistir, potencializando os desejos e as ações criadoras, por meio da escrita literária.

A literatura, para Roland Barthes, nunca é sentido e sim processo de produção de sentidos: significação. Também como a vida humana, ela é sutil, sabe algo das coisas, “sabe muito sobre os homens” (BARTHES, 1996, p. 19). E esse saber é um saber em festa, posto que “[...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhe dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (BARTHES, 1996, p. 18). Assim, não é de se estranhar que o literário, como potência do desejo, seja um espaço privilegiado para se pensarem as relações inscritas no palco político-social, não só pela legitimidade que retém, mas, sobretudo, por ser “o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” e, mais ainda, “o jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 1996, p. 17). Nesse sentido, ao representar a realidade, encenando “a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita” (BARTHES, 1996, p. 19) e permite o reconhecimento dos exercícios cotidianos e de suas experiências, pois, “através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático” (BARTHES, 1996, p. 19).

No cenário da literatura portuguesa contemporânea, Maria Teresa Horta dispensa qualquer apresentação. Dona de um discurso lírico e intimista, mas também militante e de resistência, sua projeção como poetisa acontece com a associação ao grupo da *Poesia 61*, do qual também fizeram parte Fiamma Hasse Pais Brandão, Casimiro de Brito, Luiza Neto Jorge e Gastão Cruz.

7 “– libérez l’action politique de toute forme de paranoïa unitaire et totalisante;
– faites croître l’action, la pensée et les désirs par prolifération, juxtaposition et disjonction, plutôt que par subdivision et hiérarchisation pyramidale;
– affranchissez-vous des vieilles catégories du Négatif (la loi, la tale, la castration, le manque, la lacune), que la pensée occidentale a si longtemps sacralisé comme forme du pouvoir et mode d’accès à la réalité. Préférez ce qui est positif et multiple, la différence à l’uniformité, les flux aux unités, les agencements mobiles aux systèmes. Considérez que ce qui est productif n’est pas sédentaire mais nomade;
– n’imaginez pas qu’il faille être triste pour être militant, même si la chose qu’on combat est abominable. C’est le lien du désir à la réalité (et non sa fuite dans les formes de la représentation) qui possède une force révolutionnaire;
– n’utilisez pas la pensée pour donner à une pratique politique une valeur de vérité; ni l’action politique pour discréditer une pensée, comme si elle n’était que pure spéculation. Utilisez la pratique politique comme un intensificateur de la pensée, et l’analyse comme un multiplicateur des forme et des domaines d’intervention de l’action politique;
– n’exigez pas de la politique qu’elle rétablisse les “droit” de l’individu tels que la philosophie les a définis. L’individu est le produit du pouvoir. Ce qu’il faut, c’est “desindividualiser” par la multiplication et le déplacement les divers agencements. Le groupe ne doit pas être le lien organique qui unit des individus hiérarchisés, mais un constant générateur de “desindividualisation”;
– ne tombez pas amoureux du pouvoir.” (FOUCAULT, 1994, p. 135-136)

Em 1971, escreve em parceria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa as *Novas cartas portuguesas*. A obra é publicada em abril de 1972, com a chancela da Editorial Estúdios Cor, naquele momento dirigida pela escritora Natália Correia que, apesar das ordens de cortes para as partes *proibidas*, decidiu lançá-la na íntegra. A chegada dos livros ao mercado causou um reboliço na tradicional sociedade portuguesa da época, conduzida pelo regime doutrinário e normativo da ditadura fascista do governo de Marcelo Caetano, substituto de Salazar. Com isso, os livros foram retirados de todas as livrarias pela Polícia Internacional de Defesa do Estado, a PIDE, e suas autoras foram levadas a julgamento sob a acusação de atentado ao pudor. A partir daí, Maria Teresa Horta, pela sua produção literária anterior e pela que viria a seguir, começa a ser reconhecida como a expoente do feminismo em Portugal.

Numa reescritura das conhecidas cartas seiscentistas da freira portuguesa Mariana Alcoforado, a produção das “três Marias” não só “articula com extrema competência a temática do erotismo com as diversas formas de opressão a que as mulheres portuguesas (não só elas) eram submetidas através dos séculos” (DUARTE, 2015, p. 12), mas aparece também como um manifesto panfletário atemporal contra a ideologia reacionária e fascista, que denuncia os colonialismos e as situações de abusos aos subalternos, bem como um grito em favor da justiça, da igualdade e do respeito às diferenças. A importância política das *Novas cartas portuguesas* se desponta igualmente na sua composição estética, pois, ao ultrapassar as fronteiras dos gêneros narrativo, poético e epistolar, desvincula-se dos limites preestabelecidos, imposições de qualquer ditadura. Por tudo isso, após mais de quarenta anos de sua primeira edição, é legítimo afirmar que se trata de uma obra fundamental da literatura e da cultura portuguesa, o que se pode perceber, para além do que já foi dito, não somente pela quantidade de traduções para outras línguas, mas, sobretudo, pela atualidade dos temas abordados.

Apesar de seu nome estar bastante associado às duas obras anteriormente citadas, a estreia literária de Maria Teresa Horta se dá com o livro de poemas *Espelho inicial* [1960], no qual já traz tatuada em seus versos a configuração embrionária de um projeto intenso e fiel ao que se chama de produção hortea: “uma escrita poética nascida de uma exigência radical de liberdade” (REYNAUD, 2009, p. 22). Assim, na montagem do corpo da sua escrita, a partir da escrita de corpos, o erotismo e o engajamento político estarão sempre articulados, revelando um compromisso com as mulheres, as suas sexualidades, os seus direitos e a sua participação política. Tais posicionamentos, voltados a princípios éticos, estiveram sempre marcados nas atitudes da autora. Basta lembrar o episódio em que se negou a receber o Prêmio D. Diniz, atribuído ao romance *As luzes de Leonor* [2012], pelas mãos do Primeiro Ministro de Portugal, por entender que a política econômica implementada por ele era prejudicial ao país. Uma postura marcada na biografia e que se reproduz imgeticamente na bibliografia. Vejamos o que nos diz “Inquietação”:

quero-me inquieta
de sol

a intransigência da vida
penetrou-me
bastarda de mim mesma

noites completas
onde me exijo urgência (HORTA, 2009, p. 53)

Os versos do poema apresentam, logo de início, um discurso centrado no feminino (“quero-me inquieta”). A mulher que se quer inquieta não aparece como uma constituição abstrata, mas como um ser concreto, que, ao contrário do que foi construído pela tradição, reclama “a intransigência da vida”, numa ousadia de escolha e elaboração do próprio destino, *onde se exige com urgência*.

O eu feminino e individual, que aparece diversas vezes e de diversas formas na produção poética de Maria Teresa Horta, cria sempre um diálogo em espiral com outros tantos *eus*, também femininos e individuais, que surgirão em clamor coletivo por liberdade, numa expansão de vozes militantes nos movimentos emancipatórios das mulheres. Em “Enquanto calas”, de *Mulheres de abril* [1977], percebe-se a crítica à constituição do discurso feminino como subordinado ao masculino, numa dinâmica de fala (poder) e silêncio (submissão), a partir do imperativo da ordem falocêntrica:

Enquanto calas
dobas o medo
que te cresce na fala

E a solidão bordas
a ponto de silêncio (HORTA, 2009, p. 467)

Numa estrutura masculinista a naturalização e a biologização sustentam o sistema de sexo-gênero que, impostas por inúmeras “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 228), se vinculam à base do imaginário social, determinando papéis específicos para homens e mulheres.

O medo que *cresce na fala* e os pontos do silêncio que se bordará em solidão apontam para questionamentos sobre as estruturas de privilégio. Estas posicionam concretamente um sexo em desigualdade ao outro, bem como as relações intersubjetivas, a partir de práticas cotidianas, tanto no espaço privado quanto no espaço público. Assim, pela metáfora do bordado, atividade atribuída ao universo feminino, o poema, pela força impactante de sua brevidade, nos estimula diretamente a pensar tanto sobre o caráter opressivo do silenciamento das mulheres quanto sobre os seus lugares de enunciação e de identidades.

A literatura de Maria Teresa Horta nos volta o olhar para imagens de violência e tirania contra mulheres que, por vezes, se revestem em elaboradas metáforas, mas também, por outras, se mostram com uma crueza absoluta, causando no leitor uma identificação, aproximação e um posicionamento perante a situação mimetizada. Tal engajamento lírico-participante integra explicitamente a coletânea *Mulheres de abril*, sobretudo nos textos que Angélica Soares denominou como poemas-reportagens (SOARES, 1997). A série se inicia com um poema intitulado “Quem?” e a dedicatória vai “A todas as mulheres anónimas destruídas-assassinadas. Diariamente aniquiladas”:

Quem te disse
e propagou
perdida?

Quem usou
abusou
da tua voz?

| | |
|----------------------------------|--|
| Quem se cansou te abandonou | na vida? |
| Quem se esqueceu te perdeu | e em seguida |
| te acusou do crime | mais atroz? |
| Quem te tirou dos braços | tua filha? |
| Quem mandou pôr teu nome | no jornal? |
| Quem destruiu o riso | que ainda tinhas? |
| Quem te matou te assassinou | te envenenou de mal? |
| Quem recusou de ti tudo o que | vinha? |
| Quem te meteu no corpo | este punhal? (HORTA, 2009, p. 454-455) |

O pronome interrogativo *quem* que aparece como título e que sequenciará por dez versos todo o poema, como inquirição dos atos violentos, traz uma alusão às necessidades de respostas sobre pensamentos e atitudes que colocam o masculino como a norma e o feminino como o desvio. Os versos iniciais (“Quem te disse / e propagou / perdida?”) denunciam as cristalizações que impunham as mulheres como culpadas e pecadoras. Em seguida, com metáforas que vão tomando contornos mais concretos, apontam tais verdades indiscutíveis, impostas pela cultura patriarcal, que são inscritas nos corpos e nas mentes, fechando-se com a indagação “Quem te meteu / no corpo / este punhal?”.

Vale ressaltar que, ao termo *punhal*, empregado no poema, cabe, além da leitura em sentido denotativo, a percepção como a metáfora de uma introdução violenta, na carne, pelos aparelhos ideológicos do patriarcalismo. Na esteira do pensamento de Pierre Bourdieu, a violência simbólica se funda na produção contínua de crenças no processo de socialização que induzem os indivíduos a se arranjar no espaço social, seguindo os critérios e padrões do discurso dominante. Nesse sentido, abre-se uma reflexão sobre as possíveis explicações de como e quem continua contribuindo para as constituições de modelos hegemônicos na separação entre os sexos.

Em “Tinha 38 anos”, a incomensurabilidade da violência aparece explícita. Nesse poema, a dominação ultrapassa o discurso e se concretiza como ato. Maria Teresa Horta transforma a crueza

do texto jornalístico em construção lírica para, apoiada nos paralelismos, retornar a indignação de uma vida covardemente arrancada, em tenra idade:

Tinha 38 anos
quando foi assassinada

Quando de braços
caiu
por duas balas varada

Tinha 38 anos
quando foi assassinada

Um fardo sem importância
que ali ficou enroscado...
e nem um grito saiu do seu peito estilhaçado

Tinha 38 anos
quando foi assassinada

Pelas costas e a frio
com arma de morte
e caça

Tinha 38 anos
quando foi assassinada

Eram 3 horas da tarde
na varanda
em sua casa...

“Maria Odete Lopes Rodrigues, de 38 anos, morreu assim em sua própria casa, atingida a tiros de caçadeira pelo marido. Trabalhadores da Construção Civil que se encontravam num prédio fronteiro presenciaram o crime: a Maria Odete tentou fugir, mas foi apanhada por duas descargas, vindo o corpo a tombar na varanda. Então o Silva encostou a espingarda à parede e acendeu um cigarro, sem se preocupar com o cadáver (...).”

“Muitas pessoas se encontram revoltadas com o silêncio que se fez à volta do crime, que nem sequer foi noticiado nos jornais, atribuindo tal crime ao facto de o Silva ser muito conhecido na vila, onde é ativista do CDS”.

Diário de Lisboa

17-06-1977

(HORTA, 2009, p. 455-456)

Pela construção do poema, ou seja, a partir da recriação de um fato anteriormente publicado num veículo jornalístico, fica evidente a vontade de afirmar que a banalidade dirigida ao assassinato de mulheres não é meramente ficção. A violência de gênero é uma verdade que precisa ser denunciada. Corpos femininos, cujas vidas são retiradas por seus companheiros, não podem ser entendidos como “Um fardo sem importância / que ali ficou enroscado...”, intensificando a situação de objeto das mulheres.

Apesar de estar baseado em um fato verídico, o sentido hediondo não se valoriza mais por isso. Ainda que fosse uma produção meramente fantasiosa, o horror que pontua a violência sádica (“Pelas costas e a frio / com arma de morte / e caça”) na atitude covarde do marido não se mostraria

menos intenso na musicalidade da palavra poética: “Eram 3 horas da tarde / na varanda / em sua casa”. Essa modalidade de recepção também se mostra no poema “Estavas curvada a cavar”:

Estavas curvada
a cavar
tendo teu sossego em ti

e o homem
te foi matar...

Estavas curvada
a cavar
de consciência deitada em meigo gosto de estar

Estavas curvada
a cavar
sem o mal percebido
tão alheia do ciúme espalhado no teu vestido

e o homem te foi
matar..

Estavas curvada
a cavar
quando o corpo te foi ferido
punhal de te enterrar a morte por teu marido

“Ontem, em Macinhaba do Vouga, próximo de Oliveira de Azeméis, o operário Joaquim Andrade da Costa, de 57 anos (...), esfaqueou mortalmente a mulher Maria Augusta da Silva, de 47 anos, que na altura trabalhava no amanho das suas terras. O tresloucado utilizou uma faca de matar porcos (...)”
(Diário Popular 27/10/77)

“(...) Segundo opinião dos vizinhos, eram injustificados os ciúmes de Joaquim, que há alguns meses vinha mostrando um procedimento estranho para com a mulher (...).”
Diário de Lisboa
28/10/77
(HORTA, 2009, p. 459-460)

À cada poema dessa série, como já dito, são reproduzidas partes de notícias de jornais, localizadas e datadas. Transportando o texto referencial para o literário, a terceira pessoa da reportagem dá lugar à fala de um sujeito poético, que releva na repetição dos versos (“Estavas curvada / a cavar”) a ingenuidade da vítima – a esposa – e a covardia e a brutalidade do assassino – o marido. Com isso, recria-se, a partir dos fatos reais noticiados pelo jornal, não só o excesso de violência cometida, mas acima de tudo a extremidade do poder masculinista, que considera o opressor – homem – como o senhor da vida e da morte do oprimido – a mulher (“Punhal de te enterrar a morte por teu marido”).

Os dois poemas-reportagens aqui apresentados levantam questionamentos que precisam ser discutidos. Um deles está ligado à temática dos assassinatos das esposas pelos maridos; o que, na linguagem do Direito, será intitulado de crime passionnal. Mas o que significa isso? Por que passionnal se o ódio presente em tais atrocidades é muito mais evidente? O que a configuração de tais atitudes como passionais revela é o apontamento de um resultado violento a um princípio relacional, ou seja, que foi gerado a partir de uma relação, no caso, conjugal: do homem (marido

/ assassino) com a mulher (esposa / vítima). Nesse sentido, o feminicídio, simbolicamente, sai da esfera pública e parte para a esfera privada, pois se torna um *problema de casal*. Afinal, para o imaginário coletivo, “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”.

No cruzamento intertextual dos discursos jornalístico e poético, Maria Teresa Horta retoma a forma hedionda do feminicídio ao estabelecer um jogo de revelação e permanência: os relatos e as imagens poemáticas se complementam, garantindo a estabilidade da revelação sobre a violência de gênero, uma vez que o texto literário se faz o mais adequado a garantir tal permanência.

Desse modo, a literatura horteana aparecerá com um caráter de engajamento, voltada não somente para a denúncia da hierarquização dos papéis sociais e sexuais, mas principalmente para os modos de construção e localização das hierarquias. Ana Luísa Amaral, comentando uma passagem das *Novas cartas portuguesas* sobre a indagação do que podem a literatura e as palavras, lembra que, assim como as outras duas Marias, Teresa Horta sabe que “as palavras têm poder, reificam o mundo e as coisas, são dos instrumentos mais poderosos e letais que o ser humano detém e a sociedade humana utiliza, capazes de efetuar a convivência e o horror” (AMARAL, 2015, p. 28).

Outra forma de resistência que aparece constantemente na escrita horteana é o forte vigor erótico, eivado de prazer e fruição. Segundo Maria João Reynaud, o “erotismo que percorre sua poesia começa por ser um ato de rebeldia contra a repressão sexual que pesa violentamente sobre a mulher portuguesa na década de sessenta e no início dos anos setenta” (REYNAUD, 2009, p. 22). E torna-se um contínuo fluxo de subversão quando utiliza, com recorrência em seus versos, palavras consideradas tabus, como vagina, aborto, menstruação, pênis, língua, coxa, descrevendo não só cenas sexuais, mas também experiências sensuais de individualidades.

Assim, entendendo, com Barthes, que o fascismo está para além dos códigos e das ações sociais, mas na constituição dos códigos e das ações linguísticas, pois a “língua, como desempenho de toda a linguagem, não é nem reacionária, nem progressista” e que, ao ser proferida, “entra a serviço de um poder” (BARTHES, 1996, p. 14), de uma ordem social e política discriminatórias, pode-se perceber a poética horteana como agente transgressor no cerne da ordem simbólica. Numa luta contra a servidão e o poder da língua, que marca a diferença sexual e social, a poetisa portuguesa, num jogo de trapaças salutares e logros magníficos, nos permite, pela sua produção, “ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (BARTHES, 1996, p. 16).

Com isso, cabe perceber a literatura de Maria Teresa Horta, desde o seu início, como um projeto de virada na escrita de autoria feminina portuguesa, pela sua composição de elementos transgressores, pela exposição de vozes femininas, pela denúncia da violência de gênero e, principalmente, pela estratégia de desconstrução dos paradigmas da diferença processados no interior da poesia. Uma escrita que concentra a ideia de que o corpo é matéria de resistência, que clama por liberdade e que se constitui como uma poética do “Basta!”.

Referências

- AMARAL, A. L. Maria Teresa Horta: escrever ao lado, ou de um centro sem centro. In: FLORES, C. (Org.) *O sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta*. Natal, Rio Grande do Norte: Jovens Escribas, 2015. p. 25-38.
- BARTHES, R. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DUARTE, C. L. Maria Teresa Horta: uma poética da liberdade. In: FLORES, C. (org.). *O sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta*. Natal (RN): Jovens Escribas, 2015. p. 11-16.
- FOUCAULT, M. Préface. In: DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*. Trad. José Fagundes Ribeiro. Disponível em: <<http://letrafilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2017.
- HORTA, M. T. *Poesia Reunida*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.
- LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. Trad. Susana B. Funck. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- REYNAUD, M. J. Perfil poético. In: HORTA, M. T. *Poesia Reunida*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009. p. 21-25.
- SOARES, A. *Mulheres de Abril*, de Maria Teresa Horta: matrizes de um novo Portugal. In: CUSATI, M. L. (Org.). *Atti del Congresso Internazionale Il Portogallo e i mari: un incontro tra culture*. V. 2. Napoli: Liguori Editore, 1997. p. 45-57.